

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

The Congada of São Sebastião do Paraíso

La Congada de São Sebastião do Paraíso



Wagner Magalhães

Alhambra Arqueologia e Paisagem, São Paulo, Brasil

wmagalhaes@gmail.com



Elaine de Alencastro

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP)

elaine.alencastro@usp.br

Resumo: A cidade mineira de São Sebastião do Paraíso guarda a história de uma das mais tradicionais celebrações da Congada de Minas, manifestação cultural em processo de registro por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Desenvolvida no âmbito do processo de licenciamento ambiental, a presente pesquisa procurou compreender as relações estabelecidas entre a memória e a tradição e como são construídas as identidades coletivas dos detentores de saber que participam de forma efetiva da Congada de São Sebastião do Paraíso a fim de avaliar os prováveis riscos que ameaçam o desaparecimento dessa tradição. Baseando-se em fontes documentais e entrevistas semiestruturadas, o artigo sintetiza a percepção da população local sobre o futuro da Congada que cada vez mais vem sendo desfigurada, deixando a religiosidade, a tradição e os congadeiros em segundo plano.

Palavras-chave: Congada. Patrimônio Imaterial. São Sebastião do Paraíso.

Abstract: The city of São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, holds the history of one of the most traditional celebrations of the Congada de Minas, a cultural event in the process of being registered by the National Historical and Artistic Heritage Institute – IPHAN. Developed within the scope of the environmental licensing process, this research sought to understand the relationships established between memory and tradition and how the collective identities of knowledge holders who effectively participate in the Congada de São Sebastião do Paraíso are constructed to evaluate the likely risks that threaten the disappearance of this tradition. Based on documentary sources and semi-structured interviews, the article summarizes the local population's perception of the future of Congada, which is increasingly being disfigured, leaving religiosity, tradition, and congadeiros in the background.

Key words: Congada. Intangible Heritage. São Sebastião do Paraíso.

Resumen: La ciudad de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, guarda la historia de una de las celebraciones más tradicionales de la Congada de Minas, evento cultural en proceso de registro por el Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico Nacional – IPHAN. Desarrollada en el ámbito del proceso de licenciamiento ambiental, esta investigación buscó comprender las relaciones que se establecen entre memoria y tradición y cómo se construyen las identidades colectivas de los poseedores de conocimientos que participan efectivamente en la Congada de São Sebastião do Paraíso, con el fin de evaluar los riesgos probables que amenazan con la desaparición de esta tradición. A partir de fuentes documentales y entrevistas semiestructuradas, el artículo resume la percepción de la población local sobre el futuro de Congada, cada vez más desfigurado, dejando en

un segundo plano la religiosidad, la tradición y los congadeiros.

Palabras clave: Congada. Patrimonio Inmaterial. São Sebastião do Paraíso.

Data de submissão: 23/10/2023

Data de aprovação: 29/11/2024

Introdução

Desde que o Decreto-Lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, foi publicado, o patrimônio cultural de natureza imaterial passou a se constituir em Patrimônio Cultural Brasileiro. Esse decreto, sem dúvida, representa um novo momento da política cultural de preservação nacional, uma vez que se beneficia da difusão da noção de diversidade cultural. Tal noção aponta para uma problemática comum, patrimonial e educacional, para se pensar as noções de brasilidade e identidade nacional. Envolve operações de reconhecimento, cultivo e valorização e apresenta novos conceitos, gestão e perspectivas.

O Patrimônio Imaterial é a face do patrimônio cultural que se refere às manifestações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social. É nesse contexto que manifestações culturais como as Congadas de Minas se inserem na categoria de celebrações que congregam, dentre outras coisas, os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social de um povo.

Nessa perspectiva, o contexto histórico-cultural das Congadas de Minas é tão relevante que no ano de 2008 foi instituído junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN um processo de instrução para o

registro das Congadas, abrangendo os estados de Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, tamanha a sua relevância.

Aportes Teórico-metodológicos

A presente pesquisa foi realizada em março de 2020, na cidade de São Sebastião do Paraíso, situada no sudoeste de Minas. Para o seu desenvolvimento, formulamos várias etapas metodológicas que previram além do uso de fontes secundárias (documentais), fontes primárias (trabalho de campo, com observações e interpretações sobre os usos, práticas e conhecimentos dos atores envolvidos nas práticas, celebrações e saberes relacionados e conversas e entrevistas semiestruturadas com os moradores / detentores do saber local).

Consideramos, portanto, os direcionamentos contidos no trabalho de Boni e Quaresma (2005), na medida em que:

as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (p. 75).

Consideramos significativa a execução da técnica envolvendo a entrevista semiestruturada, pois ela apresenta um roteiro de questões e, ao mesmo tempo, permite que o pesquisador tenha contato e diálogo “livre” (porém sem

desfocar do objetivo da pesquisa) com o interlocutor. Com isso, o pesquisador estará disposto a coletar depoimentos com conteúdo envolvendo “padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão” (Duarte, 2002, p. 144).

Podemos destacar que o roteiro de perguntas buscou levantar o que a comunidade aponta de forma reiterada como bem de significação diferenciada enquanto marca de sua identidade; procuramos verificar a maior ocorrência na memória daquilo que o conhecimento tradicional permite destacar, nesse sentido, a presente pesquisa de campo partiu de um modelo sincrônico, no qual podemos estabelecer e justificar as perguntas forjadas para o trabalho de campo, procurando identificar o patrimônio de natureza imaterial e os possíveis riscos para sua salvaguarda. Portanto, procuramos as pessoas ligadas aos patrimônios, moradores da cidade e pessoas ligadas aos órgãos municipais de cultura ou associados a ela.

O trabalho de campo, especialmente por meio de observação participante, é uma experiência interativa. De todas as formas, ele se inicia com diálogos e entrevistas – um diálogo entre iguais, segundo Aguiar (2015). As entrevistas foram feitas de forma indireta, sugeriu-se um tópico e deixamos o entrevistado discursar livremente, contudo fizemos certo direcionamento para que fossem otimizados os resultados a que esta pesquisa se propunha. Com os depoimentos orais, pretendeu-se privilegiar a

memória coletiva dos detentores e a experiência do registro de suas práticas como Patrimônio Cultural Imaterial (Halbwachs, 2006).

A Congada de Minas se constitui de uma tradição nacional imaterial, secular e repleta de carga simbólica cuja manifestação é construída ao longo do tempo de forma coletiva, contando histórias através da narrativa da memória social da comunidade. Assim como bem observou Silva (2015), que “a memória é, antes de tudo, uma constituição coletiva, permeando o universo social” (p. 48).

Logo, as percepções de tempo, as necessidades de rememoração, o próprio processo de memorização e o esquecimento são produtos sociais. Qualquer fato, sensação, mesmo interiorizado individualmente, é produzido e rememorado de forma coletiva. Assim, quando ele é expresso, carece de uma espécie de aval social em que a lembrança individual é confirmada (Halbwachs, 2006).

A “memória dos velhos” pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (Bosi, 2001).

Le Goff (1992) trabalha a memória como fenômeno social em suas instâncias psicológicas, históricas, culturais e de relações sociais. Nela se situam uma gama de intencionalidades, de relações hierárquicas de valores, ou

seja, se memoriza algo devido à importância presente ou futura que tem ou possa vir a ter; da mesma forma, rememoram-se e expõem-se lembranças a partir da intencionalidade presente, no valor que o fato passado tem para aquele cotidiano.

Portanto, os símbolos nas festas e manifestações com cunho religioso absorvem uma representatividade incorporados na pessoa física, como no caso dos foliões e imperadores representados como exemplo nas Congadas, como uma forma de teatralidade, representando no momento presente o que pode ter ocorrido há muitos anos, e relatado na bíblia e em outras escrituras sagradas.

Para compreender o que cada um representa, precisamos identificar os cenários, os atores e seus papéis na festa. Composto essa teatralidade, os objetos representam, portanto, simbolicamente, um status na dinâmica da manifestação popular. São poderes invisíveis que correspondem a uma dominação.

Dessa forma, buscou-se no presente artigo compreender as relações estabelecidas entre a memória e a tradição e como foram construídas as identidades coletivas. Para isso, verificamos as experiências nas “memórias dos velhos” que participam de forma efetiva da Congada de São Sebastião do Paraíso, afim de avaliar os prováveis riscos que ameaçam o desaparecimento dessa tradição.

A Congada de Minas

Segundo Brasileiro (2001), em 1441, já existiam escravos em Portugal – os Bantos, trazidos da Guiné, e no ano de 1535 começam oficialmente a chegar ao Brasil os negros vindos do Congo e de Angola. Inicia-se a cruzada catequista para cristianizar a chamada fé pagã e um dos principais artifícios utilizados foi o Rosário de Maria. Aos poucos os escravos desenvolvem seus próprios rituais e, em 1552, o jesuíta Padre Antônio Pires informa da existência de procissões festivas das quais participam somente os negros africanos de Pernambuco.

Segundo Brasileiro (2001), as Irmandades do Rosário eram associações religiosas representadas pelo culto público e celebrações a santos específicos, realizando a coroação de uma corte, geralmente negra, passando assim a integrar o calendário festivo local, buscando a obtenção da autorização das autoridades temporais para a realização de suas festas em espaço público, pelas ruas das cidades por onde passavam seus “memoráveis cortejos”. As irmandades católicas de escravos e libertos congregavam nas comunidades relacionadas aos “santos de pretos”, sendo os principais Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão.

Os desfiles ocorridos durante as festas que eram organizadas pelas irmandades de escravos por ocasião da coroação de reis e rainhas de nação, fossem africanas ou

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

afrodescendentes, ficaram conhecidos no Brasil por congadas, congado, cucumbis, ou reinados de congos. Constituíram importante locus de estruturação de grupos africanos e afrodescendentes e permitiram sua articulação à vida social, cultural, religiosa e política, sendo bastante comuns em toda a colônia e império. Ainda hoje congadas são celebradas em diversas localidades do Brasil, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná e Pará.

As Congadas são tributárias da cultura material das festas barrocas que celebraram o fausto império português e dos símbolos litúrgicos católicos em pomposas procissões e cerimônias religiosas. Segundo Chauí (2000), a religiosidade popular foi herdada do instituto do padroado e da noção de cristandade, cuja característica principal é a marcante presença dos leigos enquanto estimuladores de vida religiosa através de organizações como as irmandades, romarias, ermidas, devoções, procissões, festas, etc., e por isso mesmo entrou em relação conflituosa com o catolicismo tridentino imposto por Roma. Tais organizações de leigos mantiveram-se, desde cedo, através de artifícios e negociações conflituosas com os poderes instituídos, estabelecidas no nível local, mas sujeitas aos arbítrios de hierarquias superiores.

Essas ações permitiam a rememoração e (re)criação de práticas religiosas ancestrais reportadas à África, que ao longo do tempo vêm se mantendo relativamente secretas, enquanto forma de conhecimento restrita aos membros da

feira. As Congadas são também tributárias das celebrações de vassalagem e da fidelidade dedicadas às realezas africanas (Cezar, 2012).

Jeremias Brasileiro em seu livro “As congadas de Minas Gerais” sintetiza a essência da congada que, segundo ele:

o Congado é um culto aos ancestrais de hierarquia superior, realizado por nações diversas, possuidoras de antepassados comuns e que através de danças, de percussões africanizadas, de cantorias antes venerativas somente ao Rei Congo e depois cristianizadas por influências jesuíticas, mimetizou-se ou paralelizou-se dentro da fé popular brasileira (Brasileiro, 2000, p. 13).

A primeira manifestação de Congada registrada por escrito no Brasil foi localizada no Recife em 1674 (César, 2004). Segundo Brandão (1985), a origem das congadas é relacionada por alguns autores à apropriação de autos populares ibéricos reinterpretados por irmandades ou grupos de negros bantos em diferentes lugares e épocas.

A festa é organizada a partir dos grupos ou ternos de congos, cada terno tem a devoção religiosa em um santo específico, que mescla tanto a religião católica como a umbanda. Mário de Andrade (1966) conceitua a Congada como uma dança dramática, com a realização de coreografias ritmadas e compassadas ao som do batuque dos coletivos, que obedecem a um tema característico tradicional, sequencialmente ordenado, também conhecido por suíte. A encenação é constituída essencialmente de um costume africano de manutenção de história oral via dramatização, no caso, de memórias de lutas havidas

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

na África contra os invasores europeus, sendo tal dramatização transmitida de geração para geração, representando um dos grandes legados de história oral afro-brasileira ainda existentes (Andrade, 1966; Cézar 2004).

Dentro de uma Congada, um dos elementos mais marcantes é a presença de “Ternos” cujas características principais podem ser assim descritas: Ternos são grupos de dançadores com uma média de setenta componentes e que se dividem em vários estilos, de acordo com a origem dos primeiros fundadores e da tradição familiar. Segundo Brasileiro (2001), os Ternos podem ser formados por: Moçambique, Catupés, Moçambicão, Congo, Marinheiro, Marujo, Penacho, Vilão e Cambombe, cada qual com suas crenças, ritos e importância dentro da Congada.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Nossa principal referência bibliográfica foi a antropóloga Lílian Cezar. Ela estudou as congadas em São Sebastião do Paraíso (MG) desde 2003, e seus estudos se mostraram de extrema importância para uma compreensão mais aprofundada do que vimos e ouvimos dos detentores do saber nessa cidade. Com base no que ouvimos e aprendemos, é possível concluir que apesar do aspecto religioso enaltecido por parte da população católica da cidade, a festa de Congo em São Sebastião do Paraíso se constitui e se alicerça enquanto uma festa afrodescendente,

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

que rememora de forma ritualística e performática, homenageando uma corte negra, uma África ancestral contraposta à memória da escravidão. Em acordo com essa percepção, Cezar (2012) afirma:

Ao se afirmar enquanto festa religiosa católica essa congada estabelece para si um espaço físico e temporal legítimo para a sua realização, calcado na própria história da Igreja Católica, em especial, a da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Por conta de seu caráter secular inferiu-se a essa festa o tradicional num duplo sentido, o da história da Igreja e de suas irmandades religiosas e o de memórias ancestrais africanas, o que por si só constitui fonte de polissemia (Cezar, 2012, p. 193).

A festa da congada acontece anualmente desde 1880, no período de 26 a 30 de dezembro; contudo, os desfiles e cortejos são precedidos pelo ritual de subida das bandeiras, tido como a abertura oficial da festa da congada, que acontece no dia 8 de dezembro, ocasião em que ocorre a subida do mastro com os santos consagrados da festa e hasteados ao lado da igreja matriz. No dia 31 de dezembro, ocorre o ritual da descida das bandeiras, finalizando o ciclo anual da festa. A congada de São Sebastião do Paraíso conta com a participação de aproximadamente 5 mil pessoas envolvidas diretamente, tanto nos desfiles dos ternos quanto na organização do evento.

Ao longo do século XX, essa festa sofreu várias mudanças, principalmente no que diz respeito ao espaço físico destinado à sua realização. Em todas as narrativas de nossos entrevistados, embora não tenham a memória

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

vivida, todos contam com um certo grau de memória ancestral pautada na oralidade, já que dentre outras coisas trazem lembrança da igreja demolida, a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que foi demolida em 1952 e era até então sede da irmandade e local onde a festa era realizada (Fotos 1 e 2).

Foto 1. A Igreja do Rosário aparece ao fundo nesta foto de 1908 da praça Comendador José Honório.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Municipal de São Sebastião do Paraíso.

Autoria: Wagner Magalhães.

Foto 2. Nesta foto de 1929 tirada de cima da torre da Igreja do Rosário podemos ver as bandeiras da Congada hasteadas e ao fundo a igreja matriz situada na praça Comendador José Honório.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Municipal de São Sebastião do Paraíso.

Autoria: Wagner Magalhães.

Na opinião do S.r. Vicente de Souza Neto (Foto 3), assim como a justificativa apontada pela maioria das pessoas que nos relataram a demolição foi a insatisfação do dono do sobrado em frente à igrejinha, pessoa muito rica na cidade, que teria usado sua influência sobre as autoridades para que a vista de sua casa não fosse mais prejudicada pela fachada do templo.

Segundo Cezar (2012), uma outra explicação dá conta da venda da antiga igreja para a prefeitura a fim de que ali fosse definitivamente construída uma rodoviária, uma vez que as jardineiras já utilizavam a pequena praça ao redor da igreja como local de embarque e desembarque de passageiros, desde então instaurou-se um novo local para a realização da festa, a praça e a igreja da Matriz, localizadas no coração da cidade.

A quantidade de santos também foi alterada em 2012. Lilian Cezar contou seis bandeiras, com nove ternos de Congo e seis ternos de Moçambique, hodiernamente nossa pesquisa evidenciou oito bandeiras de santos e dezoito ternos, sendo treze de Congo e cinco de Moçambique. Os ternos de Moçambique são: Zambê de Angola, Diamante, Nossa Senhora do Rosário, Santos Dumont; os ternos de União dos Filhos de São Benedito e Netos de Artulino Duarte, catalogados em 2012, não existem mais, acrescentando para o ano de 2020 o terno de Santa Izabel. Os ternos de congo são: Xambá, União, Ipiranga, dos Angolas, Sabiá, Anjos de São Benedito, Canários Paraisense, Bela Vista, Caçulas de Paraíso, em 2012. Em 2020 observou-se que os ternos Caçulas de Paraíso e dos Angolas deixaram de existir, e surgiram os ternos de Congo: Nova Geração, Filhas do Paraíso, Novo Milênio, Veteranos da Irmandade do Rosário, Ipiranga, Anjos de São Benedito. Observou-se que ternos como os vilões ou marinheiros, não fazem parte dos ternos em São Sebastião do Paraíso;

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

quando esses se apresentam, vêm convidados de outras cidades.

Os santos da congada também foram acrescentados, os denominados Seis Santos do Natal: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Domingos, Santa Catarina e São Jerônimo, acrescentando em 2020, Santa Isabel e São Sebastião.

Foto 3. S.r. Vicente de Souza Neto, Zelador do Museu da Congada.



Autoria: Wagner Magalhães.

Foto 4. O jovem Túlio José Gonçalves Rufino, Capitão e presidente do terno de Congo Xambá pedindo a "bença" antes de nossa entrevista.



Autoria: Wagner Magalhães.

Os motivos que levam homens e mulheres a participarem dos ternos são muito distintos, envolvendo por vezes a tradição familiar, a religião, as promessas feitas, a vontade de estar com amigos ou companheiros ou pelo puro modismo, nas palavras do jovem capitão Túlio do terno Xambá, "querer fazer parte deste ou daquele terno hoje é sinônimo de prestígio social" (Foto 4). Vários são os fatores que levam a engrossar o grupo de ternos, os maiores são os Congos, e alguns chegam a contar com 500 integrantes; já

os ternos de Moçambique contam com algo entre 60 e 100 integrantes em cada terno.

Algumas das percepções que tivemos ainda durante os trabalhos de campo foi de que a aliança familiar segue sendo a principal fonte propulsora da tradição do reinado, já que é dentro da “família” que os ensinamentos e a iniciação religiosa são transmitidos para os jovens, especialmente para aqueles que descendem de famílias com vínculo histórico direto com a linhagem tradicional dos congos. O pertencimento às religiões afro-brasileiras, especificamente à umbanda, é bastante comum no contexto da congada.

Contudo, vale salientar que não são todos os pertencentes das famílias tradicionais que são os detentores e guardiões dos “fundamentos” do terno, conhecimentos esses que são restritos aos chamados “donos” do terno, que poderiam ser seu capitão ou presidente, variando caso a caso conforme as especificidades e contingências pelas quais cada terno passou ao longo de sua existência, ou a pessoa para quem é repassado o comando. Pudemos ver com clareza esse movimento dentro dos capitães dos ternos; alguns eram mais conservadores e restritos na fala sobre sua religião e os “segredos” do congo; outros, como o Túlio, conhecido como Tuhão, capitão do Xambá, com seus 22 anos, é despojado e alegre, não tendo restrições sobre sua religião ou as coisas vultuosas dos ternos. Dessa forma, o repasse de informação depende mais do agente informante do que do receptor, pois o que mantém a tradição é justamente o repasse da informação, “a

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

distribuição de saberes segue regras próprias em que os vínculos entre mestres e seus respectivos aprendizes estabelecem reciprocidades e, ao mesmo tempo, hierarquizam as relações sociais entre os que já foram e os que aqui estão” (Cezar, 2012).

Os conhecimentos são transmitidos pelo dono do terno, ao longo de sua vida, para seus aprendizes de maneira desigualmente partilhada, deliberadamente fragmentada e elíptica, e muitas vezes através de histórias criadas transmitidas de geração para geração e nem sempre revelados. Uma forma de manter o controle.

Em nossas entrevistas, não raro tivemos advertências quanto aos segredos dos santos, sobre os instrumentos que não podiam ser tocados, instruções para não ficar sozinho ou por muito tempo diante dos altares alojados nos barracões dos ternos.

Foto 5. Sr. Tiago Viana Maciel, Capitão-Mor dos ternos de Congo e capitão do Terno de Congo Sabiá em frente ao altar do terno.



Foto: Wagner Magalhães.

Foto 6. O casal de Rei e Rainha do Congo, Sr. Sebastião Eurípedes de Páscoa e Sra. Rosa de Fátima Camargo de Páscoa durante entrevista.



Foto: Wagner Magalhães.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

Foto 7. Dona Gení (Genuita Pereira de Paula), a Rainha Perpétua vestida com seu manto e sua coroa para nos receber durante a entrevista.



Foto: Wagner Magalhães.

Foto 8. Sr. João Vitor da Costa, Capitão-Mor do Moçambique e presidente do terno de Moçambique Zambê de Angola, fazendo o sinal da cruz para mais uma bênção.



Foto: Wagner Magalhães.

O Capitão-Mor do Terno de Congo, Tiago Viana Maciel (Foto 5), só nos concedeu entrevista após ter se reportado pessoalmente ao Rei Congo (Sr. Sebastião Eurípedes de Páscoa – Foto 6), à Rainha Perpétua (Sra. Genuita Pereira de Paula – Foto 7) e estar de posse de seu cetro ao lado, que, segundo ele, garantiria a sua proteção e a proteção espiritual da nossa equipe. Enquanto o relato dos mais antigos como o Sr. João Vitor da Costa, umbandista declarado e Capitão-Mor do Terno de Moçambique (Foto 8), atestam o respeito à questão espiritual e atribuem a supostas “mandingas”, a causa de acidentes ocorridos durante os desfiles e apresentações, pudemos observar que a crença no mítico por vezes anda de mãos dadas com uma rivalidade velada existente entre os ternos.

Por exemplo, no último desfile do terno Xambá, ocorrido na festa da Congada de 2019, nos foi relatado que

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

ocorreu a queda de energia bem no momento em que o terno se apresentava, enquanto para uns tal interrupção era coisa de mandinga ou do poder espiritual de outro ternos, tal feito, segundo o capitão do terno Xambá, seria atribuído a uma suposta sabotagem, já que o pessoal da administração da festa teria colocado água no gerador a fim de provocar o apagão e interrupção do som, prejudicando assim a apresentação do grupo. Vemos aqui uma clara ruptura de crenças, onde a ideia do “profano” se sobrepõe à tradicional noção do “sagrado”.

Voltando às manifestações, os desfiles se constituem de uma série de cortejos, danças, músicas, toadas, melodias e uma incrível habilidade de tocar os instrumentos musicais ao mesmo tempo em que se executam os passos de dança e se canta. A Congada é desenvolvida ludicamente não só nos ensaios, mas principalmente nos cortejos e desfiles dos ternos pelas ruas. Aos “brincadores” ou “dançadores” é preciso ficar atento a cada movimento do terno, seja ele qual for, pois o menor deslize é sinônimo de desrespeito, e se torna motivo de repressão por parte dos integrantes do terno. É imprescindível aos participantes que tomem benção dos santos nos altares dos barracões, bem como a benção dos mais velhos, das madrinhas e padrinhos dos ternos.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

Quando se pede a bênção por meio somente da fala o solicitante diz 'bença!' e o cumprimento é respondido com a frase 'Deus te abençoe!'. Nos casos de maior intimidade entre as pessoas, como as pertencentes a uma mesma família de sangue ou de santo, a bênção é solicitada de maneira performática por aquele que ocupa a menor hierarquia ao que ascendeu dentro do grupo (Cezar, 2012).

Esses aprendizados, tanto na forma comportamental, ritualística, dentro e fora da religião, bem como o aprendizado para que se possa cumprir os desfiles, estabelecem vínculos de reciprocidade familiar e são fundamentais para a manutenção das alianças, e para a manutenção da festa do Congo.

Elementos da Oralidade

Observamos que, em São Sebastião do Paraíso, as festividades ligadas à Congada são um dos principais motores que impulsionam as expressões culturais da cidade, envolvendo uma parcela importante da população na Zona Rural e Urbana que se unem anualmente para realização da festa. A Festa da Congada e Moçambique começou a acontecer no ano de 1880 e transcorreu de forma ininterrupta até 1930, quando o Bispo Antônio José dos Santos Cabral proibiu a manifestação dentro das igrejas da cidade. Contudo, a festa não deixou de ocorrer e a proibição, que só foi suspensa na década de 1960, estimulou a festa na rua criando as condições de visibilidade

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

que acabaram por instaurar um concurso municipal das congadas na cidade.

Fizemos inúmeras entrevistas com os detentores de saber local e existem algumas falas comuns entre eles, como o relato e a crítica sobre a divisão e a destinação dos recursos provenientes do ICMS Cultural. No início dos anos 2000, com o repasse financeiro do ICMS Cultural, a prefeitura municipal montou um esquema para o repasse do dinheiro passando a impor certa adequação dos ternos no que diz respeito aos padrões estéticos inicialmente não pertencentes à festa da congada. A festa passou então a adotar a instalação de palanques e arquibancadas, fixando e limitando assim o local destinado aos cortejos de congadeiros e moçambiqueiros, bem como o espaço destinado aos fiéis, atribuindo a estes últimos o caráter de público. Com a instituição de uma competição entre os ternos de Congo e os de Moçambique, a prefeitura passou a oferecer troféus, recompensas financeiras e aumento do tempo de desfile aos ternos julgados “melhores”. A prefeitura passou também a instalar e disponibilizar a instalação de iluminação e amplificação de som ao longo da principal praça da cidade, a praça da Matriz, para a realização dos desfiles dos ternos em todos os dias da festa da Congada, possibilitando assim que um maior público acompanhasse das arquibancadas as apresentações que a essa altura eram tidas como desfiles.

As críticas a esse período são bastante duras, já que a competição estimulava a rixa entre os ternos culminando

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

sempre em brigas durante a festa. Em 2004 houve uma nova mudança nos termos da Congada, já que a prefeitura decidiu passar a responsabilidade de execução e administração financeira da festa para uma instituição do terceiro setor que, através de licitação, foi nomeada para ordenar a festa.

Desde então a festa passou por novos ajustes. Antes, o que era competição virou apenas um “desfile”, com tempos iguais de apresentação marcados para cada terno. O dinheiro foi dividido igualmente para cada terno, e não mais para o grupo vencedor do desfile. Embora todos concordem que essa é a melhor conjuntura para o Congo, muitos questionam que não era necessária uma Associação para decidir o repasse do dinheiro e outras questões que dizem respeito principalmente aos Congadeiros.

A associação responsável pelo uso do recurso do ICMS Cultural de São Sebastião do Paraíso desenvolve o festejo principalmente para fins turísticos culturais, e para tanto conta com o apoio da Prefeitura, da Igreja na figura do meirinho e padres que celebram as missas, e alguns ternos, que através dela garantem algum recurso para suas necessidades para execução.

Outro fato marcante nas falas dos interlocutores diz respeito ao sentimento repassado em relação à antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário que foi demolida em 1952, para em seu lugar ser construída a rodoviária. Fato que não ocorreu. No local onde estava a antiga Igreja do Rosário possui atualmente a Biblioteca Municipal Prof. Alencar Assis.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

Com a demolição da Igreja, a festa passou a ser realizada na Praça e na Igreja da Matriz, ao longo da Rua Pimenta de Pádua, na região central da cidade, a dois quarteirões da antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Essa mudança tornou a festa mais visível, já que ela passou a ocorrer no entorno da principal igreja da cidade. Uma réplica da antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Sebastião do Paraíso foi construída em 1976 no bairro Vila Mariana. Embora tenham relatado os efeitos positivos da mudança de lugar da festa, e mesmo não tendo vivido na época da demolição da igreja, pudemos observar que esse sentimento era um senso comum para os atores da Congada. Ouvimos repetidas vezes a mesma história, provando que a memória dos velhos se perpetua na memória dos novos.

Nos foi relatado também, e com bastante frequência, o dia a dia dos ternos nos dias dos festejos, que são de muita comemoração e união, são fornecidos alimentos a todos os componentes e simpatizantes dos ternos que os seguirem entre os dias 26 e 31 de dezembro. A alimentação distribuída foi referida por todos como “simples” (arroz, carne moída com batata, feijão, farofa e frango). Também foi mencionado por todos os entrevistados aspectos comuns inerentes à festa tal como: a busca pelas rainhas penitentes em suas casas, o início dos festejos com o levantar das bandeiras, a realização de desfiles a partir do dia 26 até o dia 31 de dezembro, a busca das imagens na nova Igreja de

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

Nossa Senhora do Rosário e a procissão para levá-las à matriz de São Sebastião.

No que diz respeito ao aspecto religioso da festa, o sincretismo é quem domina a cena, já que na maioria das vezes o catolicismo se mostra sobreposto a práticas e crenças sabidamente de origem de matriz africana, mas muitas vezes velada por parte dos mais velhos que, apesar de fazerem questão de mostrar para sociedade seu papel enquanto atores católicos dentro da Congada, guardam sempre em suas casas e barracões um altar dedicado às práticas da umbanda.

Importante mencionar ainda que quando os interlocutores foram questionados sobre a ameaça de extinção dessa tradição, as respostas foram unânimes: “O reinado de São Sebastião do Paraíso NÃO CORRE RISCO algum de extinção, já que o que se vê é cada vez mais pessoas se integrando aos ternos, incluindo jovens”.

Considerações Finais

Os ternos entrevistados deixaram claro que o valor espiritual dos festejos é primordial para cada um em particular, mas não há procura por incentivos ou mitigação da recuperação do sentido original da Congada, tal como elemento cultural característico dos negros como fora inicialmente e depois adaptado pela igreja. Também não pudemos identificar em suas falas uma coesão histórica da congada, muitos deles atestaram desconhecer a história.

O sincretismo promovido pela igreja através dos tempos adequou os festejos africanos a ponto de torná-los uma festa religiosa totalmente católica, apesar da grande prática do umbandismo paralelo por integrantes dos ternos, fato que empobrece a cultura da Congada desapercivelmente por parte dos ternos.

Se por um lado os membros dos ternos se utilizam da comemoração católica como forma africana para manter seus festejos, mesmo sem muitos não saberem de suas origens, e o fazem como verdadeira demonstração de fé, a Igreja Católica, por outro lado, se esforça também para manter esse quadro admitindo que toda manifestação de fé é válida para a orientação de seu rebanho. Com isso, as práticas umbandistas são realizadas de forma velada na cidade, mas presentes em salas isoladas no interior dos barracões dos ternos. Dos entrevistados, todos disponham de algum elemento de umbanda (colares, fitas, imagens, etc.).

O uso de benzedeiros é grande na cidade de São Sebastião do Paraíso, mas a quantidade de interessados em pagar suas promessas através dos ternos também o é, apontando para uma adequação relativamente harmônica de ambos os lados.

Em nenhum dos ternos entrevistados foi notada a percepção da possibilidade de que seus próprios representantes conduzissem a administração dos festejos de forma conjunta, tendo como base a formação de uma associação própria, regular e regulamentada. Capitães e

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

presidentes de cada terno participam das reuniões com a associação e a comissão da prefeitura, mas não desenvolvem ações lideradas por eles com a participação inversa, ou seja, sob a batuta deles, o que poderia favorecer, por exemplo, a destinação de volumes mais significados de recursos para os ternos ao invés de tão altos investimento para a infraestrutura.

Hoje os ternos se regularizam individualmente para poder se apresentar, o que por um lado mantém a facilidade organizacional e o recebimento do recurso da prefeitura, mas por outro continuam de alguma forma dificultando a discussão da importância de se mitigar formas para continuidade da tradição, e até mesmo o aprofundamento no conhecimento cultural. Alguns ternos estão já imbuídos da apresentação performática dos ternos e sua riqueza, muito embora todos tenham deixado clara a necessidade de maior verba até mesmo para os instrumentos.

Os ternos Sabiá (Congo) e Zambiê de Angola (Moçambique) apresentaram maior ligação com representações da Congada que consideramos ser mais tradicional, embora vários elementos de ordem religiosa e de execução sejam mantidos por todos. Não identificamos algumas práticas comuns do Congado como verificado em congadas em Paraty-RJ, Pilar de Goiás-GO, ou em outras cidades de Minas como Pedra do Indaiá, em São Sebastião do Paraíso não existe a prática do recebimento de “esmolos” ou a prática da amarração.

Pudemos observar também que a importância dada aos versos dos capitães, a coroação de reis e rainhas e seus significados não é de sentimento comum. Foi unânime a fala sobre a falta de inclusão do aprendizado de toda essa cultura em redes de ensino ou cursos opcionais pelos municípios e, por falta de orientação e/ou conhecimento dos próprios ternos e comunidade, demonstram que os festejos podem ter características que cada vez mais se afastem da motivação original, e podem continuar não atraindo interessados jovens ou não a aprender e se incluir na manifestação cultural. Bem como deveria ser estimulada a formação de músicos batedores, sanfoneiros, costureiros, figurinistas, treinadores de dançantes e estudos sobre o significado dos festejos, dos santos, reis e rainhas, princesas, critérios para escolha, funções e responsabilidades de cada membro do terno, e até outros ternos possíveis de serem formados seriam importantes.

Considerando a velocidade da propagação de novas culturas ou mesmo dos novos cultos e hábitos temporários, a Congada pode cada vez mais rapidamente ser transformado somente num espetáculo típico de uma cidade com viés religioso. Por ora, os depoimentos coletados e materiais observados apontam para a existência forte da cultura da Congada, embora esteja desfigurada em alguns aspectos, tais como:

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

Falta do elo cultural entre a população de origem afro e a Congada, que percebe, mas não é dimensionada socialmente;

Ausência do conhecimento e consciência da importância da manutenção da tradicionalidade entre os membros dos ternos;

Desconhecimento da história da Congada bem como de suas representações;

Desconhecimento do significado real de todos os “personagens” da Congada tradicional e atual.

Por fim, transformaram as congadas de São Sebastião do Paraíso em um desfile de carnaval, onde a religiosidade, a tradição e os congadeiros ficam em segundo plano, onde tudo – tempo de execução, contexto e local – é organizado por uma associação sem domínio dos rituais espontâneos e tradicionais do congo.

Referências

AGUIAR, R. L. S. **ANTROPOLOGIA SOCIOCULTURAL**. DOURADOS, MS: Ed. UFGD, 2015.

ANDRADE, M. **DANÇAS DRAMÁTICAS DO BRASIL**. 2. ED. SÃO PAULO: ITATIAIA; BRASÍLIA: INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, v. 1-3. 1966.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. APRENDENDO A ENTREVISTAR: COMO FAZER ENTREVISTAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS. **REVISTA ELETRÔNICA DOS PÓS-GRADUANDOS EM SOCIOLOGIA POLÍTICA DA UFSC**, v. 2, n. 1-3, p. 68-80, JAN-JUL 2005.

BOSI, E. **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA**: ENSAIOS DE PSICOLOGIA SOCIAL. SÃO PAULO: ATELIÊ, 2001.

BRANDÃO, C. R. **A FESTA DO SANTO DE PRETO**. RIO DE JANEIRO: INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE; EDITORA DA UFGO, 1985.

BRASIL. **PORTAL DA LEGISLAÇÃO**. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW4.PLANALTO.GOV.BR/LEGISLACAO](http://www4.planalto.gov.br/legislacao). ACESSO EM: 20 OUT. 2023.

BRASILEIRO, G. **CONGADAS DE MINAS GERAIS**. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES; MINISTÉRIO DA CULTURA, 2001.

CEZAR, L. S. **CONGADA NOS MEDIA**: UM ESTUDO DE CASO DA UTILIZAÇÃO DE CONJUNTOS DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS NO JORNALISMO. *IN*: IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, 2004.

CEZAR, L. S. SABERES CONTADOS, SABERES GUARDADOS: A POLISSEMIA DA CONGADA DE SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO, MG. **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**, PORTO ALEGRE, A. 18, N. 38, P. 187-212, 2012.

A Congada de São Sebastião do Paraíso

Wagner Magalhães • Elaine de Alencastro

CHAUÍ, M. **CULTURA E DEMOCRACIA: O DISCURSO COMPETENTE E OUTRAS FALAS**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2000.

DUARTE, R. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. **CADERNO PESQUISA** [ONLINE], 2002, N. 115, PP. 139-154.

HALBWACHS, M. **A MEMÓRIA COLETIVA**. SÃO PAULO: CENTAURO, 2006.

LE GOFF, J. **HISTÓRIA E MEMÓRIA**. SÃO PAULO: EDITORA DA UNESP, 1992.

SILVA, F. A. CRUZ DA. **FESTA E DEVOÇÃO POPULAR DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ARAGUAÍNA – TOCANTINS: DÉCADA DE 1970 AO ANO DE 2014**. 2015. 138 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM HISTÓRIA) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, GOÂNIA, 2015.